

O MENINO

Senta-se na cama a esfregar muito os olhos. Ou terá sido sonho?

Acende a luz. Apaga a luz. Três horas da manhã. Volta a deitar-se, enrola-se bem na roupa. É por isto que não gosta de ficar em casa só, ainda menos com eles no estrangeiro.

Mas o ruído continua. Senta-se outra vez na cama, agora bem acordada. Mexem mesmo na porta. Como quem quer meter a chave e não encontra onde. Mexem na porta, é certo. Telefonar à Polícia? Sabe lá o número da Polícia. E que faz a Polícia? Quando chegasse, já não estava cá ninguém. Se alguém há. Se não é tudo parvoíce sua, macaquinhos no sótão. Torna a estender-se, a tapar-se, a aninhar-se.

O ruído de novo. Acende a luz outra vez. Três horas e dez minutos. É difícil ir, é difícil ficar. Muito pouco segura, atravessa a casa exactamente como está. Em camisa, descalça. Como se fosse ela a precisar de evitar fazer barulho. A sala, o corredor, a salinha de entrada. Estão ali. E não é só um. Estão ali, do outro lado da porta. Sente-os. Adivinha-os. Com a garganta seca. E, imprevisivelmente, invadindo a casa toda, a campainha.

O que é muito pior. Já não pode fingir que não ouviu, que é invenção. Meu Deus, eles estão ali. Batem à porta. Eles batem à porta. Ficar muito quieta, sem mexer nem um dedo. Deixá-los

bater. Que fiquem para ali batendo. Podia não estar ninguém em casa, não podia?

Mas a campainha insiste. Imagina explicações, enganos. Será alguém de outro andar que carregou num botão errado, saiu do elevador neste patamar e não no seu, são iguais os patamares, tem estado a tentar abrir a porta com uma chave que evidentemente aqui não serve. Mas haveria já tempo para ter compreendido. Ou não?

A nova campainhada, não resiste, o que for se verá, acende a luz da escada, espreita, ansiosa, pela lente minúscula do ralo. E, em vez de medo, o que passa a dominá-la é o maior espanto deste mundo e uma grande, uma imensa alegria.

— Podes abrir, sou eu.

Apressadamente faz girar a chave para a direita duas vezes, não cabe em si de contente, escancara a porta, feliz, é o menino. Deus é grande, Deus ouviu-a.

— Oh o menino!

— Troquei as chaves, não percebo. Esta porcaria não entrava.

O menino entra pela casa dentro com dois amigos que ela nunca viu. O que não tem nada de anormal. Ele entra e sai a qualquer hora, sozinho ou acompanhado, quando os pais estão fora.

— Como diabo fui eu trocar as chaves?

Acende as luzes todas, mas, em vez de ficar na sala a preparar bebidas, vai direito ao escritório com um dos companheiros.

O outro, não. Deixa-se ficar para trás a contemplá-la, descalça e quase nua, como saltou da cama. Todo ele é um sorriso, um apetite grande a abrir-se. E esse sorriso perfurante, inesperado, impede-a de dar um passo.

O menino, lá de dentro:

— É essa a Ester. O prometido é devido. Mas olha que isto não demora.

Ele sabe qual a gaveta onde o pai guarda o anel e o colar grande da mãe. Nunca os levam de viagem. E o livro de cheques, que ainda lhe interessa mais. A assinatura do pai é canja para ele. O pior é a Ester. Fica a saber de tudo. Se não veio só é porque estes safados não o largam de mão enquanto lhes não pagar. E

sabem, os sacanas sabem que precisa de mais. Precisa sempre de mais. Para hoje já não tem. Também isso eles sabem.

O Janeiro é um mãozinhas de ouro: abre gavetas, mesmo cofres, num abrir e fechar de olhos, sem deixar rasto ou quase. Mas aqui para quê? Não fora esta embrulhada toda, teria tratado do assunto sozinho, e de dia, o que é sempre melhor, nem a Ester se daria conta. É uma chatice. Estes sacanas não perdoam e têm-no pela trela. Enfim, que se lixe a Ester. Que se lixem os pais. Quando voltarem, se verá.

O Janeiro experimenta abrir a gaveta do anel e do colar. Não parece assim tão fácil.

Enquanto, na sala, a rapariga está transida. De surpresa. E de pavor. Não consegue dar um passo. Vê o rapaz na sua frente, ruivo, barba rala, os *jeans* quase brancos nos locais salientes, ténis sujos, num jeito que não engana. Um rapagão. A beliscá-la na cara, «que doçura!», a perguntar-lhe onde é o quarto, a empurrá-la, quase protector, «não ouviste que tem de ser depressa?». Ela encolhe-se toda.

— Ó menino!

Outra vez: — Ó menino!

— Deixa o menino em paz, que tem mais que fazer. Não tenhas medo. De que é que tu tens medo?

As mãos dele nos seus braços, nos seus ombros, queimam. Ela encolhe-se, escapa-se por entre os meiples, põe cadeiras entre eles, agacha-se, esgueira-se, desliza como uma gata.

— Não ouviste que tem de ser depressa?

Está mudando. Persegue-a, seguro, com um riso mariola, «espera lá, pombinha, não vês que não te escapas?». E alcança-a a um canto da sala, puxa-a com um sacão que faz doer, ela assim quer, consegue espalmá-la contra si, mas são uns segundos só, «estás a fazer-te cara, que é lá isso?». Ofegante e já impaciente.

— Se não queres ir para o quarto, é mesmo aqui.

Quer dizer que no sofá, no chão, tanto lhe faz. Tem força como o diabo. Já a beijou no pescoço, de raspão, na cara de um lado e doutro, e no queixo, no cabelo, falhou-lhe a boca duas vezes, o golpe de misericórdia. Mas ela esgueira-se de novo. Corre

de canto para canto, é mais leve e mais ágil do que ele. Apanha de caminho uma jarra de vidro muito grosso, bem pesada e, de olhos esbugalhados, ameaça-o com ela.

— Que é lá isso?

O rapaz desabotoa-se, lépido e nervoso, avança enraivecido, já não ri.

— Vamos ver como é.

Quanto mais ela se encolhe, se escapa e o ameaça com a jarra, mais ele avança e se avoluma. Como um touro. Está ali para cobri-la, ela não vê, a burra. Alcança-a novamente, tenta pô-la em posição, rasga-lhe uma alça da camisa, um peito salta, «sim senhor, é bem bonito, eu também tenho coisas bem bonitas para tu veres». E, com as mãos nos ombros dela, força-a enfim a dobrar-se, a estender-se no sofá, de costas, cai sobre ela. Sem lhe largar um dos ombros, é difícil, contudo, fazê-la separar as coxas. Parece que estão grudadas. Mas ela cede, pois não, não havia de ceder. E ele aproveita esse instante de fraqueza para amoldá-la às suas dimensões, para encaixar-se e encaixá-la. Parece-lhe que está quase. Quando, porém, lhe larga o ombro para trabalhá-la por baixo, penetrá-la, a rapariga liberta a mão com que segura a jarra e dá-lhe com ela na cabeça, ou faz por isso, uma, duas, várias vezes. Até que ele a larga — «puta!» — e a deixa escapar-se rapidamente para o quarto. Onde se fecha logo, arfando.

Ele está sentado no sofá, agarrado à cabeça, fatigado e logrado, melindrado. A grande cabra! Tem sangue nas mãos. Onde é que ela lhe bateu? Na testa, sim. Numa orelha também. É aí que sangra mais.

Leva algum tempo a refazer-se. Dói-lhe muito a cabeça, não percebe bem onde. Mesmo desabotoado, sinal da sua derrota, daquele desaforo, vai ter com os outros ao escritório, que não estão mais felizes do que ele. A gaveta só tinha cartas, facturas, contas. Terão de procurar na casa toda. O que, para o Janeiro, é destas coisas. Está muito habituado a descobrir agulhas em palheiro. E é difícil enganá-lo. Ou então que esperem pela resposta. Maneja a navalha tão bem como a gazua. Quem não lhe paga em dinheiro que se prepare. Pagará em géneros, com a vida.

Mas calado. Assobiando entre dentes, continua o seu trabalho, ajudado em vão pelo patrãozinho, mais e mais inseguro. Há ali para toda a noite.

— Que história é esta, ó camarada? — pergunta o outro, apontando para o sangue na sua própria cabeça, na testa, na orelha. — Isto faz-se?

— Que é que há, ó Cruzes?

— Há que a gaja é uma bruta e ia-me matando. Coso-te à navalha.

— E ia-te matando? Que culpa tenho eu? Espera, que eu já vou lá.

O que lhe interessa é encontrar o anel, o colar e o livro de cheques. O livro de cheques, sobretudo. Já atiraram para o chão as gavetas todas da secretária. As dum lado, as do outro. O Janeiro não se interrompe, assobiando entre dentes, com a calma dum bom profissional. Abre armários, caixas, tudo onde se possa guardar seja o que for. E vai rezando pela pele ao menino Filipe. Filipe, Filipinho, nem sabes para que estás guardado. Enquanto o Cruzes,

— Olha lá, tu andas a gozar com a malta? Que o anel e o colar era só abrir a gaveta. Que a tal Ester era só abrir-lhe as pernas. Tu sabes o que te espera?

— O Filipe sua frio.

— Sem a gaja e sem a massa, não me parece nada que consigas o que tens na ideia, meu bibi.

— Farei o que quiserem.

— Farás mesmo? Não me está a cheirar. Não me cheira mesmo nada.

— Vocês bem sabem. Farei o que quiserem.

— Vamos então começar pela franguinha. Talvez ela obedeça ao seu menino.

— Vamos, pois. Mas espera lá.

Ele quer é encontrar as jóias ou os cheques. E tem de ter o olho no Janeiro, que é muito capaz de descobrir qualquer coisa de valor, que pague tudo, e não abrir a boca. Mas o Cruzes está possesso. O sangue já estancou. Não é coisa, porém, para esquecer. Que é que está para aqui este a engonhar? Atira-lhe um tabefe

bem puxado, «seu maricas, que era só abrir-lhe as pernas!». O rapazelho cambaleia. Vêm-lhe lágrimas aos olhos. Está tramado.

Outra vez a mão no ar: — Vamos começar pela franguinha, não ouviste?

— Ó Cruzes, tu não vês que isto aqui interessa mais? Franguinhas há aí por toda a parte.

E o Cruzes: — Ah queres mais?

Dá-lhe um puxão, empurra-o à má cara para a porta do quarto da rapariga, «seu aldrabas!». Rapariga que está lá dentro a vestir-se, a proteger-se, a preparar-se para fugir.

A porta não dá de si.

— Abre, Ester, que sou eu.

Nem um pio de resposta.

— Estou-te a dizer que abras.

E dá um pontapé na porta.

— Oh menino!

É um protesto, uma raiva e uma súplica.

— Já te disse que sou eu. Abre lá isto.

— Mas está só o menino?

— Abre lá. Pois claro que estou só eu.

O facto é que a porta se abre. A Ester está na sua frente, já vestida. E, vendo-o acompanhado, cola-se à parede do fundo, como que a empurrá-la com as costas, como se a parede pudesse abrir-se e ela escapar-se por ali.

— Oh menino!

Mágoa, surpresa, um espanto cada vez maior.

— Que é isto, Ester? Não costumas fazer-te tão esquisita.

Ela põe os olhos no chão, envergonhada e infeliz:

— Com o menino é outra coisa.

O que o irrita.

— Que outra coisa? Estás mas é a lixar-me, não percebes? Sê boazinha, vá. E não chateies. Não chateies, que te arrependes.

Está branco, desesperado, pronto a tudo, a pensar na dose que lhe falta para hoje, nas ameaças do Janeiro. E ela morre de medo quando o vê avançar, fazer sinal ao outro para que avance também.

— Hei-de contar tudo aos seus pais. Hei-de contar-lhes tudo!

Como se tivessem planeado o golpe, agarram-na os dois ao mesmo tempo, atiram-na para cima da cama, com ela a espernear, continuando a querer fugir, aos pontapés, mordendo o braço dum, a mão do outro.

— Ah cabra, já vais ver.

— Ó menino, olhe que eu grito. A vizinhança há-de vir. Olhe que eu grito, todo o prédio vai saber.

— Não gritas, não.

Quando ela vai para gritar, o filho dos patrões tira da algibeira um lenço e, sem lhe largar os pulsos, passa-o ao Cruzes.

— Ó menino! Como pode o menino?...

Mas já o lenço lhe tapa a boca e lhe é atado na nuca com um nó bem apertado, firme.

O rapazelho torce a custo os braços dela, passa-lhos para trás das costas, prende-lhe os pulsos outra vez.

— Ali. Traz aquela toalha.

O outro ata os pulsos da rapariga com a toalha. É despachado e vigoroso. Tem agora sobre a cama um corpo maniatado, com os braços torcidos, pulsos bem atados, a boca amordaçada. Um corpo que não cessa, contudo, de tentar libertar-se em contorções violentas e inúteis, olhos redondos de ódio. Mas quanto mais este corpo se contorce e descompõe, mais no ruivo o desejo se renova e cresce.

— Agora é tua — diz-lhe o Filipe, abandonando o quarto. — Não lhe faças muito mal.

— Muito mal?

Já começou, com certo requinte inesperado, a despi-la à pressa até onde é possível. Da cintura para cima nem pensar, por causa dos braços virados para trás. Rasgar-lhe a blusa à frente é quanto basta. Fazer-lhe mal? As suas mãos passeiam amorosamente neste corpo que, apesar de indefeso, não pára de revolver-se, espernear. Se ela conseguisse meter-lhe um joelho com violência ali, no sítio entre todos mais sensível, ainda o venceria. Mas a liberdade de movimentos do violador é quase total agora, indiferente ao olhar odioso que o fita.

— Eu bem te disse, pombinha, eu bem te disse. Era melhor para ti.

«Muito mal?». Já lhe puxou com arte as calças, os colãs, «tu tens medo de quê?».

E, lá para dentro, nada. Em toda a parte, há armários abertos, gavetas pelo chão.

O Filipe já não tem grandes ilusões sobre o que vai acontecer-lhe. Terá sido tudo em pura perda. Senta-se, amarfanhado, no sofá da sala, onde há um risco de sangue, certamente do Cruzes. À sua volta, um campo de batalha: tudo fora do lugar, cadeiras caídas pelo chão, cinzeiros partidos. Longa noite. Serão cinco, seis horas?

Mas o Janeiro surge, bem disposto, riso aberto, é uma aparição!, com uma caixa grande e preta sobraçada.

«O faqueiro de prata» — pensa o Filipe, mal a vê.

— Então tinhas isto em casa e não dizias nada? És fresco, sim senhor.

— Não me lembrava.

E não se lembrava mesmo. Teria ido lá direito se soubesse.

O Janeiro esparrama-se num meiple, a fumar, consolado, uma boa cigarrada, apreciando o faqueiro. Abre-o quase com respeito, observa-o, levanta o tabuleiro, conta as peças, toma-lhes o peso, «sim senhor».

— Afinal valeu a pena. Com isto estamos quites.

— Mas falta ainda o combinado.

— Pois falta — diz o Janeiro.

E, levando a mão à algibeira: — Está aqui.

— Só isto?

— Acho que sim. O que é que querias? Mas eu falo ao patrão, descansa. Se ele achar bem, trago-te mais. E o Cruzes? Nunca mais se despacha?

O rapazelho guarda logo o pacotinho. É um alívio. Se o outro se demora, ou não, isso não sabe, é lá com ele.

Mas o outro pouco se demora, na verdade. E, ao olhar para o sofá, pisca o olho, lambão: «O.K. Foste um gajo de palavra. Só lá quanto à franguinha, pá, aí falhaste. É arisca de mais. Quase não deixa a gente gozar. Enfim, já está.»

Saem os dois com o faqueiro, esse milagre, «depois digo alguma coisa», fecham a porta de manso, aí vão eles.

E o rapazelho rejubila. Por alguns dias está servido. Levanta-se sem pressas, vai ao quarto da Ester, tira-lhe primeiro o lenço que ainda a amordaça. Mal sente a boca livre, ela morde-o na mão com fúria, faz-lhe sangue, cospe-lhe na cara:

— Que patife!

— Chiça! Vê se tens modos ou não te desato os pulsos.

— O menino é um monstro! Um grande monstro! A minha vontade era matá-lo. Mas matá-lo mesmo. Quando os seus pais souberem...

Ele aperta a mão onde ela o feriu, limpa o sangue e a cara com este mesmo lenço com que ajudou a amordaçá-la, encolhe os ombros: — Não sabes o que isto é.

Desata-lhe agora os pulsos, vermelhos da pressão (terão nódoas negras muito tempo), atira a toalha para o lado, olha-a em silêncio. Demoradamente. Aguarda. Ela vai ficando mais abatida que raivosa.

— Como é que o menino pode...?

— Não sabes o que isto é. Não compreendes.

E, depois, acordando para outras realidades:

— Mas nem pio, quando os meus pais voltarem, não te esqueças.

— Ora essa! Então o menino pensa...

— Tu lá sabes. Mas cuidado. O primeiro suspeito és tu. Desapareceu um faqueiro de prata. É o mais importante disto tudo.

— É o mais importante? Disto tudo?

A rapariga arregala os olhos perante este novo ataque, de outro género. Merecia ser morto. Como os outros. Já. Odeia-o mesmo. Tanto quanto pode.

— Felizmente, a senhora tem toda a confiança em mim. E o senhor doutor também.

— Ou tinham, vamos a ver. Terão mais confiança em ti do que no filho? Não te esqueças de que tens um namorado e eles sabem.

— Pois sabem. Não é nenhum segredo.

— Não é isso. Podes tê-lo metido cá em casa.

— Eu? Julga-me da sua laia? Meter o namorado cá em casa?

Eu?

MÁRIO DIONÍSIO

— Como provarás que não? Pode ter sido ele que fez tudo, não te esqueças. Violentar-te, mexer em gavetas e armários, fugir com o faqueiro. Tudo obra dele e também tua; que lhe abriste a porta.

— O menino é um monstro, é um malandro. Quem havia de supor! Mas não pense...

E começa a chorar, o que o sossega, a ele. A chorar em silêncio, sentada aos pés da cama, com os ombros caídos. Nem sequer pensa em queixar-se à Polícia, felizmente. Não há perigo.

Passa o tempo e ela chora. É uma chatice das grandes tanto choro.

— Olha, Ester. Dá depois uma arrumadela nisto tudo. São muito brutos, como viste.

Mas ela chora. Não diz nada. Chora, chora. Parece que vai chorar todo o resto da vida.

— Deixa lá — diz ele, passando-lhe a mão pelos cabelos. — Também gozaste o teu bocado, que o Cruzes é macho mesmo.

E, sem mais, sai do quarto, atravessa a casa, põe-se a andar.